



UM MUSEU, TANTOS MUSEUS

Ações educativas para inclusão sociocultural na Pinacoteca do Estado de São Paulo

Milene Chiovatto e Gabriela Aidar

*O aprendizado se dá quando compartilhamos experiências,
e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja
barreiras ao intercâmbio de pensamento.*

John Dewey ¹

Ao longo do tempo, assim como os conceitos e funções dos museus têm sido discutidos e redefinidos, também estão em constante debate a nomenclatura, o papel e a função de sua ação educativa. Para nós, cabe à ação educativa em museus, por meio de diversas estratégias e instrumentos, **mediar** o encontro entre o visitante e a instituição e seus objetos, explorando os potenciais educativos dos mesmos.

Esta ação pressupõe ainda que os processos de construção de conhecimento ocorram no contato direto com as fontes primárias: os objetos originais preservados pelo museu. Entretanto, o mero encontro com o objeto não garante o desenvolvimento de um processo educativo, sendo assim necessária uma ação educativa que o potencialize.

¹ DEWEY. Apud: CUNHA, 1994, pg. 36.



Idealmente, a ação educativa em museus deve ser encarada como projeto, sendo propositiva e construindo processos por meio do diálogo com seus diversos pares; deve, ainda, responder à multiplicidade de perfis e expectativas dos visitantes de museus, equacionando aspectos do saber e do lazer.

No mais das vezes ela ocorre em uma única oportunidade, quando da visita do grupo aos espaços expositivos e utilizando-se de textos, atividades, visitas, palestras etc., deve ser capaz de potencializar a construção de conhecimentos do público em sua multiplicidade, desenvolvendo um olhar curioso e investigativo no contato com a instituição e os objetos nela resguardados, visando ampliar sua capacidade crítica².

No caso da Pinacoteca do Estado de São Paulo, que está localizada em região do centro antigo da cidade de São Paulo, local que viveu sucessivos momentos de degradação socioeconômica e que nos últimos anos passa por um processo bastante controverso de revitalização, o desafio de organizar ações educativas qualificadas é ainda mais intenso.

Este é o mais antigo museu de arte do estado de São Paulo, com 105 anos e um acervo composto por cerca de 8.000 obras, de artistas predominantemente brasileiros do século XVIII até os dias de hoje. Atualmente encontra-se em processo de mudança de sua exposição de longa duração e, ao longo dos anos, desenvolve uma intensa programação de exposições temporárias, que por sua qualidade e variedade, geram grande visibilidade à instituição.

A partir de 2002, uma das prioridades da instituição passou a ser a implantação e desenvolvimento de ações educativas consistentes e sistemáticas. Desta forma, foi estruturado o Núcleo de Ação Educativa que desenvolve programas continuados que se organizam a partir de seus públicos-alvos. Entre seus objetivos, destaca-se o de promover e garantir a ampla acessibilidade ao museu. Entretanto, em nossa prática utilizamos o termo

² AIDAR e CHIOVATTO, in: PARK; FERNANDES e CARNICEL (orgs), 2007, pgs. 57 e 58.

acessibilidade no que consideramos uma acepção mais ampla, envolvendo não apenas as questões ligadas à promoção de acesso físico, por meio da garantia de circulação e afluxo de público às instituições (com a utilização de rampas, elevadores e mesmo com a gratuidade nos ingressos), mas também – e especialmente – no que se refere a aspectos intangíveis do contato com os museus, como aqueles relacionados ao acesso cognitivo, ou seja, ao desenvolvimento da compreensão dos discursos expositivos, e ao que podemos chamar de acesso atitudinal, por meio do desenvolvimento da identificação com sistemas de produção e fruição, e da confiança e prazer pela inserção no espaço do museu. Com a ampliação da compreensão e uso do termo, os museus podem desenvolver ações de acessibilidade que incluam não apenas públicos com deficiências, mas outros igualmente excluídos dos processos e sistemas oficiais de cultura ³.

Entre suas ações, estão as visitas educativas à exposição de obras do acervo ou às mostras temporárias, certamente a face mais visível da ação educativa em museus. Estas estão disponíveis a grupos organizados de quaisquer faixas etárias, desde que as agendem previamente. Realizamos também encontros de formação para professores, que visam dar subsídios acerca de temas e conteúdos relativos ao acervo da Pinacoteca e de algumas de suas exposições temporárias.

Outra iniciativa é o *Programa Educativo Públicos Especiais*, que promove ações educativas junto a grupos de pessoas com deficiência física, intelectual, emocional ou sensorial, por meio de recursos lúdicos e multissensoriais. Também nos engajamos na formação continuada de funcionários do museu, especialmente de atendimento ao público, manutenção e segurança, em aspectos da educação patrimonial, por meio do programa *Consciência Funcional*.

Compõem nosso trabalho, ainda, planejar e criar materiais e recursos de mediação para subsidiar professores e educadores a utilizarem conteúdos da arte e do patrimônio em

³ CHIOVATTO, AIDAR, SOARES e AMARO, 2010 (no prelo).



sua prática pedagógica fora do museu, além de materiais educativos desenvolvidos para o público em geral que visita de forma espontânea a Pinacoteca.

No âmbito deste texto trataremos mais especificamente de ações desenvolvidas pelo *Programa de Inclusão Sociocultural (PISC)*, implantado desde 2002.

Programa de Inclusão Sociocultural

Este programa visa promover o acesso qualificado aos bens culturais presentes na Pinacoteca a grupos em situação de vulnerabilidade social⁴, com pouco ou nenhum contato com instituições oficiais da cultura, como museus. Com isto, buscamos contribuir para a promoção de impactos positivos no cotidiano dos grupos participantes, sejam em esferas individuais ou coletivas além de estimular a apropriação do museu e seu uso qualificado por parte desses grupos.

Nesse programa em particular, optamos por desenvolver ações educativas continuadas, pois acreditamos que a recorrência aos espaços oficiais de cultura pode, para este perfil de público, possibilitar a apropriação e familiaridade, desenvolvendo além de conhecimentos, também habilidades de sociabilização, comunicação, fortalecimento de identidades, autopercepção e autoafirmação. Ou seja, agregando aos saberes formais da arte, cultura e patrimônio, conhecimentos aplicáveis às necessidades particulares e coletivas destes grupos⁵.

⁴ Apesar de sua adoção pelo Governo Federal, o termo *situação de vulnerabilidade social* não é consensual nem pode ser entendido como sinônimo de carência de renda. Adotamos no programa sua compreensão como uma *situação de violação de direitos*, conforme expresso na “Política Nacional de Assistência Social – versão oficial”, de 2004, e no artigo de Francisco de Oliveira, “A questão do estado – vulnerabilidade social e carência de direitos”, 1995.

⁵ Idéia em consonância aos conceitos de **utilidade, usabilidade e necessidade** empregados pelo educador Alberto Gamoneda do Museu Thyssen-Bornemisza de Madri, responsável pelo programa **Red de públicos** que atua junto a grupos em situação de vulnerabilidade social. *Estos conceptos de utilidad, usabilidad y necesidad son una piedra angular de la creación de estos*



A atuação continuada é garantida por meio de parcerias com organizações sociais públicas ou privadas que desenvolvem trabalhos socioeducativos, o que nos permite elaborar ações educativas em resposta à especificidade do perfil de cada grupo em busca das metas comuns da parceria, com acompanhamento constante dos resultados.

Este Programa atua junto à grande variedade de grupos, como cooperativas e grupos de artesãos, grupos em situação de rua, moradores de habitações precárias, crianças e jovens de setores populares participantes de projetos socioeducativos, entre outros.

Segundo pesquisas de perfil de público visitante de museus recentes feitas pelo *Observatório de Museus e Centros Culturais*, os visitantes dos museus paulistas e fluminenses se assemelham em alguns aspectos, como o alto nível de escolaridade e a renda domiciliar mensal elevada, ou seja, fazem parte de parcelas privilegiadas da população⁶. Em outras palavras, os freqüentadores habituais dos museus não pertencem às classes populares ou, mais ainda, aos grupos socialmente vulnerabilizados.

O programa teve início em 2002, tendo origem numa pesquisa de perfil de público espontâneo da Pinacoteca, cujos resultados apontaram um público visitante que não mora ou frequenta seu entorno geográfico, de renda familiar entre média e alta e altíssima escolaridade. Esses dados nos permitiram perceber que apesar da proximidade física, muitos grupos não utilizavam os equipamentos culturais da região por barreiras atitudinais que, acreditamos, podem ser minimizadas por meio de diversas ações propositivas, como as de caráter educativo.

Entre os objetivos gerais do programa destacamos a ampliação do repertório e da noção de pertencimento cultural dos participantes; o desenvolvimento de sua percepção estética, subsídio tanto para suas criações, quanto para o fortalecimento de sua capacidade crítica; a

programas, y por tanto, de la búsqueda de estrategias compartidas para abordar el museo y su visita. GAMONEDA MARIJUÁN, 2010.

⁶ OBSERVATÓRIO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS, 2005, 2006 e 2007. Relatórios disponíveis para download em www.fiocruz.br/omcc/

criação de oportunidades de diálogo que estimulem a autoconfiança dos participantes; a promoção de experiências que estimulem a aquisição e manejo de conhecimentos e habilidades cognitivas, emocionais ou vivenciais.

Para isto, é fundamental criar espaços de diálogo e de compartilhamento de idéias, experiências, história de vidas, memórias e expectativas, entretanto é necessário não apenas dar voz, mas saber ouvir, sem preconceito, sem imposição de qualquer tipo de verdade ou valor *a priori*. Isto não significa que qualquer comportamento, idéia ou ação seja válida, mas sim que será considerada e discutida.⁷

Atualmente, o programa desenvolve quatro frentes de trabalho a partir das seguintes ações: visitas educativas aos grupos, por meio do estabelecimento de parcerias com organizações que desenvolvam projetos socioeducativos a fim de realizar visitas continuadas à Pinacoteca modeladas segundo demanda e perfil dos grupos, com constante avaliação e acompanhamento dos resultados. Um curso de formação para educadores sociais, que consiste em uma formação com o objetivo de dar subsídios para a elaboração, execução e avaliação de projetos educativos voltados à inclusão sociocultural dos grupos com os quais atuam, a partir das potencialidades educativas dos equipamentos culturais; o *Arte+* um material impresso para educadores sociais, elaborado a fim de ampliar as ações iniciadas com o curso, com foco na educação em arte e na educação patrimonial, com distribuição gratuita entre organizações sociais de todo o país. Por fim, realiza uma ação educativa extramuros junto a dois grupos de adultos em situação de rua do entorno no museu, estruturada por meio de oficinas de artes, com ênfase na xilogravura, e visitas educativas regulares à Pinacoteca, contando com uma série de desdobramentos, como exposições educativas e publicações de caráter avaliativo do processo. Esta última ação gerou a mostra *Convivência*, exposta na Pinacoteca em 2009 e em itinerância pelo interior do estado de São

⁷ De acordo com Rossi, em seu texto *Reflexões sobre a mediação estético-visual: como estimular o encontro com a obra?*, alguns caminhos possíveis para assumir uma atitude educativa mais aberta derivam da construção de “*uma atmosfera de apoio e consideração [...] mostrar-se interessado pelas idéias do leitor [...] as habilidades de ouvir e de perguntar*” e ainda buscar conhecer como os visitantes pensam. ROSSI, 2010.



Paulo em 2010 e também deu origem à publicação reflexiva *Percorrer e Registrar* que relata as experiências educativas desenvolvidas em seus dois anos de atuação.

O programa compartilha das crenças fundamentais do Núcleo da Ação Educativa da Pinacoteca: a do caráter público do museu que reverbera em sua função social; e a crença no potencial inclusivo da arte e da cultura.

Embora esforços neste sentido, como os propostos a partir dos anos 1960 e 70, principalmente no âmbito da América Latina, ainda não tenham sido desenvolvidos plenamente, notamos um grande avanço no que diz respeito ao papel social dos museus, como aqueles que preconizam o engajamento da instituição na realidade das sociedades às quais pertencem; ainda que demasiadamente circunscritos às iniciativas das áreas educativas das instituições.

A partir de pesquisas acadêmicas pudemos fundamentar conceitualmente o paradigma da inclusão social aplicada à prática dos museus, adaptando-o às nossas especificidades sociais e institucionais, desenvolvendo assim um programa em constante construção e reavaliação, a partir do diálogo entre teoria e prática.

Nos últimos anos, o termo *exclusão social* tem sido usado recorrentemente com diferentes significados e para diversos fins. Ao utilizarmos esse conceito, nos referimos aos processos pelos quais um indivíduo ou grupo tem acesso limitado às ações, sistemas e instituições tidas como referenciais e consideradas padrão da vida social, e por isso esses indivíduos encontram-se privados da possibilidade de uma participação plena nessa sociedade⁸.

Esses indivíduos ou grupos, quando se encontram socialmente vulnerabilizados, podem enfrentar diversas e simultâneas situações de exclusão: a perda de **direitos** pela

⁸ DE HAAN e MAXWELL (eds.) Apud AIDAR, 2002, pg. 54.

exclusão de sistemas políticos, a perda de **recursos** pela exclusão dos mercados de trabalho e a deterioração das **relações pessoais** pelo enfraquecimento de laços familiares e comunitários, ficando, assim, sujeitos a um contexto de privação múltipla. A essa situação podemos acrescentar, ainda, o enfraquecimento de **sentimentos de pertencimento** pela exclusão dos circuitos e instituições da cultura oficialmente instituída⁹.

Para combater esse complexo quadro de exclusões, é necessária uma atuação em rede que perpassa serviços sociais civis e governamentais, e meios que possibilitem a participação política, econômica e cultural dos grupos em questão. É como parte dessa atuação em rede que acreditamos que os museus e demais instituições culturais podem contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Alguns autores vão além, como O'Neill, ao afirmar que *“as implicações para o fato dos processos de inclusão e exclusão serem auto-reforçados são muito claras: qualquer organização que não esteja trabalhando para romper as barreiras está ativamente mantendo-as. A neutralidade não é possível. Separar os museus de arte do resto da sociedade não tem a ver com a preservação de padrões estéticos, mas com evitar trabalhar a relação entre valores estéticos e éticos.”*¹⁰ (tradução nossa)

Também consideramos o conceito de equidade, ou seja, defendemos a ideia de que é necessário criar distintas estratégias para garantir a igualdade de acesso aos diferentes perfis de público¹¹.

⁹ CHIOVATTO e AIDAR, 2009, pg. 3.

¹⁰ O'NEILL, in: SANDELL, 2002, pg. 34.

¹¹ *O princípio da equidade é tratar de maneira distinta os que não estão em condições de igualdade, exatamente para que sejam construídas relações justas. Em sociedades com longo passado de escravidão, como a brasileira, a sociedade assume papel decisivo na promoção da equidade e redução das desigualdades. Pessoas em desvantagem econômica necessitam de mais recursos públicos do que as economicamente favorecidas para ter garantidos os mesmos direitos, pois foram alijadas do acesso a bens e serviços públicos. Assim como nem toda igualdade é justa quando não considera as diferenças, nem toda desigualdade é injusta quando visa reduzir a iniquidade. Um tratamento desigual é justo quando beneficia os mais vulneráveis.* CENPEC/EQUIPE EDUCAÇÃO E COMUNIDADE, in: CARVALHO, 2005, pg. 21.

A título de exemplos de ações desenvolvidas pelo Programa de Inclusão Sociocultural, apresentaremos as parcerias com o Espaço Criança Esperança, de 2007 a 2009, e com o CAPS AD Penha (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas), em 2009 e 2010.

Ações e aprendizados junto ao Espaço Criança Esperança¹²

A parceria estabelecida junto ao Espaço Criança Esperança teve início em 2007, quando procurados pela organização desenvolvemos ações que visavam uma maior autonomia e empoderamento dos jovens participantes do projeto. O Espaço Criança Esperança de São Paulo é um centro de atenção em tempo integral que atende a cerca de 540 crianças, adolescentes e jovens com atividades complementares à escola, contribuindo para promover a educação, a cultura, a inclusão e o desenvolvimento social no Brasil. Criado em 2005, está localizado na Brasilândia, na região noroeste da cidade de São Paulo¹³.

Tendo isto em mente, a parceria partiu da proposta de promover a formação básica de grupos de cerca 10 jovens por semestre para a mediação cultural na Pinacoteca junto a seus pares e familiares¹⁴. Esta proposta foi adaptada a partir de projeto educativo elaborado por uma educadora social no âmbito do nosso curso de formação, em sua versão de 2005. A partir disto, em 2007 e 2008 foram promovidos uma série de encontros formativos entre os grupos do Espaço Criança Esperança e os educadores do PISC no museu (foram 5 encontros

¹² A apresentação das parcerias contou a colaboração de Luis Roberto Soares dos Santos.

¹³ <http://projetos.criancaesperanca.globo.com/ecesp/quem-somos/>

Criados a partir de um modelo de parceria que reúne uma ONG gestora, empresa privada, o poder público e uma instituição de referência internacional, os Espaços Criança Esperança oferecem atividades esportivas, educacionais e culturais e têm à disposição teatros, centros multimídia, bibliotecas, piscinas e quadras poliesportivas. No caso do Espaço Criança Esperança São Paulo, os parceiros são a Prefeitura de São Paulo, o Instituto Sou da Paz, a Rede Globo e a Unesco. O Projeto atua em três áreas: área educativa, com atividades diárias de atendimento direto de aproximadamente 500 crianças, adolescentes e jovens de uma área de grande vulnerabilidade social; área social, que apóia o atendimento às famílias dos educandos; e área de comunicação, que promove eventos abertos promovendo um espaço de lazer seguro para comunidade. <http://criancaesperanca.globo.com/CriancaEsperanca/0,,MUL0-17258-4733015,00.html>
Acessados em 13/12/2010.

¹⁴ Os educadores do PISC que mediarão as visitas foram Paula von Atzingen Tavares (2007), Daniele Canaes de Carvalho (2008 e 2009) e Luis Roberto Soares (2007, 2008 e 2009).



em 2007; 11 encontros a 2 grupos distintos em 2008, e 8 encontros em 2009). Estes encontros desenvolviam atividades de visitas educativas direcionadas à formulação futura de percursos de visitação. Eram visitadas algumas salas da exposição de longa-duração do acervo e de exposições temporárias, nas quais eram realizadas leituras de imagens e atividades de propostas poéticas, ou seja, atividades lúdico educativas para concretizar os conhecimentos tratados a nível perceptivo e cognitivo durante as visitas. Depois disto, divididos em duplas ou trios, os jovens eram convidados a construir seus próprios percursos, a partir tanto das vivências consideradas mais positivas quanto dos assuntos de maior interesse para o grupo. Subsidiando esta escolha, eram oferecidos recursos educativos, como textos, objetos, imagens etc. pelos educadores do museu, em acordo com as opções eleitas pelos jovens, no sentido de dinamizar as visitas. Este processo deu a oportunidade a esses jovens de apresentarem a seus pares a sua versão da Pinacoteca, ou seja, aquilo que para eles era mais significativo na instituição (em 2007 os jovens realizaram visitas a seus colegas da ONG e a seus familiares em 3 horários; em 2008 foram realizadas visitas a seus colegas da ONG e a seus familiares em 6 diferentes oportunidades, e em 2009, as visitas foram realizadas em 3 horários, dessa vez a seus colegas e a grupos de crianças de uma escola vizinha à ONG, sem contabilizar as possibilidade das visitas serem realizadas para diferentes grupos ao mesmo tempo).

Um desafio com o qual o projeto lidou foi o de estimular nos jovens participantes a confiança e autopercepção positivas o suficiente para tomar a dianteira no processo de mediação frente à cultura oficial presente no museu. Os percursos elaborados pelos jovens eram antes apresentados aos educadores do museu e experimentados com estes; incluindo as dinâmicas de fluxo e deslocamento dos grupos, tais como idas ao banheiro, bebedouro e simultaneidade de grupos nos espaços expositivos. As visitas aos seus pares aconteciam sempre acompanhadas pelos educadores do museu, que nesta ocasião assumiam, entretanto, o papel de apoio, não interferindo nos discursos ou na condução do grupo.



É preciso deixar claro que nunca foi intenção da parceria, e de fato não ocorreu, que as mediações feitas pelos jovens fossem duplicatas de nossas atuações educativas. Em nosso entender, mais do que privilegiar posturas pedagógicas ou conteúdos históricos e artísticos precisos, o que foi privilegiado era a possibilidade de evidenciar um ponto de vista particular e valorizá-lo junto a seus iguais.

Em 2009, após a formação e processo de mediação pelos participantes do grupo, a parceria se ampliou a partir de uma demanda do próprio grupo – neste caso articulado em virtude da participação em uma oficina de grafite - que nos solicitou uma ação de caráter formativo mais técnico. Este grupo, aos finais de ano realiza uma exposição de seus trabalhos em grafite no espaço da ONG e, portanto, perceberam no convívio com o museu a oportunidade em qualificar esta prática.

Assim, foram desenvolvidos encontros de formação que apresentaram aspectos de distintos setores técnicos do museu, ligados à produção de exposições. Os 4 encontros resultantes deste interesse compreenderam conversas e vivências com profissionais das áreas de ação educativa; curadoria; expografia e montagem de exposições e conservação e restauro das obras. As atividades se desenvolveram muitas vezes nos próprios espaços expositivos do museu, como por exemplo, a conversa com a curadora que se deu na exposição temporária dedicada ao artista francês Henri Matisse, na qual ela atuou como curadora adjunta e teve como foco a apresentação das etapas que envolvem a construção da exposição, bem como questões expográficas, como cor das paredes, tamanhos dos textos e etiquetas etc. A cada encontro se criava uma demanda para que os participantes relacionassem os conhecimentos discutidos com suas práticas na elaboração de sua mostra.

Como resultados tangíveis desta série de encontros o grupo propôs a adequação do espaço expositivo na ONG, escreveram textos de parede, preocuparam-se com a iluminação dos trabalhos e com a construção de uma linha de articulação entre os trabalhos e o conceito



da mostra, intitulada *Desviolência*. Decidiram ainda convidar artistas do bairro para participarem da exposição.

Além disso, desenvolveram um convite impresso que apresentava a Pinacoteca do Estado de São Paulo como um dos apoiadores da mostra. No dia da abertura, foram convidados e compareceram uma educadora do museu, que manteve contato contínuo com o grupo, e o coordenador da montagem de exposições da Pinacoteca.

Deste processo o que nos parece fundamental como experiência educativa é perceber a possibilidade de apresentar o museu “por dentro e por fora”, ou seja, para além das exposições, as atividades de bastidores que permitem que elas aconteçam.

Nos exercícios de mediação notamos a apropriação do museu pelos participantes do grupo, possibilitando assim que o museu esteja aberto a diferentes discursos e não apenas aqueles consagrados.

Também é notável a proximidade que se conquista com estes grupos em relação ao museu, dando condições para que possam elaborar demandas concretas a serem respondidas pela instituição. Por fim, um ganho inesperado foi poder envolver e perceber o engajamento de outras áreas e profissionais da Pinacoteca numa ação educativa voltada a um público em situação de vulnerabilidade social. Este engajamento, em nosso parecer, veio da experiência em perceber sua função de uma nova forma, e dialogar com públicos que estes profissionais normalmente não têm contato.



Ações e aprendizados junto ao Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e Drogas – Penha (CAPS AD Penha)

Esta parceria se originou da participação da pedagoga do CAPS AD Penha¹⁵ no curso de formação para educadores sociais promovido pelo PISC, em sua edição de 2009. O curso *Ações multiplicadoras: o museu e a inclusão sociocultural*, tem entre seus objetivos, a elaboração e aplicação de projetos educativos que articulem as práticas dos educadores sociais às potencialidades educativas da Pinacoteca e outros equipamentos culturais. Por meio de uma abordagem teórico-prática, o curso apresenta conteúdos tais como: o que é o museu e qual sua função social; diferentes conceitos de arte; aspectos da ação educativa em museus e metodologias contemporâneas de ensino da arte; conceitos de exclusão e inclusão social e sua aplicabilidade aos museus; visitas ao acervo da Pinacoteca para reflexão sobre seus potenciais educativos; aspectos da leitura de imagens; desenvolvimento de recursos educativos em arte; sistemas de avaliação para ações socioeducativas e construção de projetos educativos. Os encontros ainda prevêem a apresentação dos projetos desenvolvidos pelos participantes. Um diferencial dessa proposta em relação a outras formações com objetivos similares é sua perspectiva de aplicabilidade, uma vez que prevê a aplicação e acompanhamento dos projetos desenvolvidos a partir do curso.

O projeto desenvolvido nesse contexto para o CAPS AD Penha teve como objetivos específicos promover a atenção fora do eixo saúde-doença; a construção de um olhar crítico e de espaços para reflexões; estimular a construção de novos projetos de vida; e ampliar e resgatar o repertório de atividades dos seus participantes. Estes objetivos foram trabalhados a partir do contato qualificado do grupo com o museu, em visitas educativas. O projeto foi intitulado *Cultura & Arte: Fazendo Parte!*, e iniciou-se em julho de 2009, estando ainda em andamento. Até o momento, foram realizadas 11 visitas educativas com o grupo, com

¹⁵ O CAPS AD Penha foi criado de acordo com a portaria ministerial nº336, de 19/02/2002, sendo um serviço de saúde aberto e comunitário, que oferece atendimento diário a adultos e adolescentes que fazem uso abusivo e/ou dependência de álcool, tabaco e outras drogas, por procura espontânea ou encaminhados pela rede de atenção. VISCOME, 2009.



periodicidade média mensal e com temas articulados a partir de obras ou conjuntos de obras de exposições da coleção do museu ou temporárias¹⁶. As visitas sempre ocorreram no sentido de dar voz aos participantes a partir de suas referências pessoais, fomentando um espaço de compartilhamento de ideias que reforça um senso de autopercepção.

O projeto contou ainda com a participação de diferentes profissionais do CAPS AD Penha, que se revezavam no acompanhamento às visitas, dando concretude à nossa proposta de estabelecer parcerias a fim de somar esforços de diferentes especialidades, agregando aos conhecimentos específicos sobre patrimônio, história, arte e educação, aqueles voltados ao âmbito da saúde, por exemplo. Além disso, a pedagoga entendia que assim o projeto criaria alicerces dentro da instituição não focalizados apenas em seus esforços, multiplicando também os objetivos e conteúdos do curso aos seus colegas.

No decorrer desse um ano e meio de visitas, além dos objetivos específicos do projeto, percebemos alguns resultados significativos e inesperados. Notamos que o grupo possuía relações sociais e principalmente familiares desgastadas, e recebemos com satisfação a inserção de familiares dos participantes do grupo nas visitas ao museu. Como por exemplo a presença da mãe de um dos participantes na visita, com quem apresentava uma relação conturbada, e a manifestação desta em querer regressar para aproveitar o espaço de convívio com o filho; ou o resgate de laço familiar entre avô e neto, com reconhecimento do valor de ambos, uma vez que o avô apresentou o museu ao neto, e este fez um desenho a partir da visita, fotografado por seu avô e apresentado ao grupo na visita seguinte. Estas oportunidades potencializaram novas situações de convivência e diálogo, para além dos aspectos relacionados à dependência química.

Outro aspecto relevante foi a proposta da pedagoga em sistematizar um instrumento de registro das visitas do grupo, de maneira que a cada novo encontro, um dos participantes da

¹⁶ Os educadores do PISC que mediarão as visitas foram Daniele Canaes de Carvalho (2009), Luis Roberto Soares (2009 e 2010) e Danielle Amaro (2010).

visita (incluindo-se os usuários do grupo, os profissionais do CAPS ou da Pinacoteca) ficava responsável em construir um relato poético sobre a última visita. Isso incluía, desde relatos escritos, até a inserção de imagens em desenho, fotografia, ou mesmo a elaboração de poemas. Esta questão se apresenta como positiva aos participantes do grupo em virtude da situação clínica de esgarçamento da memória como decorrência da dependência química, mas principalmente como estímulo à criação, ou seja, à oportunidade de reelaborar suas experiências de maneira interpretativa, bem como ao compartilhamento de registros da subjetividade num espaço acolhedor ¹⁷.

Entretanto é necessário pensarmos nos desafios que este método de trabalho, respeitando as demandas e interesses do grupo, por vezes nos apresentam. Uma das visitas deste grupo foi realizada na exposição temporária *Ouros de Eldorado – Arte pré-hispânica da Colômbia*, que trazia obras pré-colombianas vindas do Museu do Ouro da Colômbia. Entre os objetos ritualísticos presentes na mostra encontravam-se palitos e recipientes feitos em ouro que foram utilizados por aquelas sociedades para o armazenamento e consumo de cal, elemento participante do processo de transformação das folhas de coca em substâncias rituais. Este tema não foi eleito propositalmente por nós, entretanto, como parte da exposição, suscitou a curiosidade dos participantes e nos proporcionou uma oportunidade de discutir, de maneira madura, o uso ritual e medicinal de substâncias potencialmente psicoativas.

¹⁷ O primeiro registro deste instrumento foi um poema feito por um dos participantes inspirado nas rimas do cordel, cujas primeiras estrofes afirmam: *Desejo que o amigo/compreenda meu parecer/que em forma de cordel/escrevi neste papel/com motivo de reviver. O dia que nós do CAPS/fomos juntos visitar/a Pinacoteca do Estado/por sinal deslumbrado/o espaço pra explorar. As obras que fascinam a gente/as histórias do passado/de quase tudo tem um pouquinho/ e é cuidado com carinho/pra da memória não se apagar.*

Ações educativas no museu: entre a inovação e o compromisso com a inclusão

Criar espaços interpretativos, responder demandas de públicos diversificados, não atuar de maneira rígida, respeitar a condução orgânica dos processos educativos e também pontos de vista diferentes dos nossos, embora constitua um processo rico traz desafios constantes. Entre eles podemos mencionar o desenvolvimento de ações de avaliação para essas iniciativas, uma vez que estamos lidando com experiências que ultrapassam a aprendizagem de conteúdos objetivos, lidando com aspectos muito subjetivos.

Em nossa prática a realização de avaliações sistemáticas e processuais fornece diretrizes tangíveis para o planejamento das ações, dando a possibilidade de responder às demandas dos participantes, ao mesmo tempo em que acompanhamos o encaminhamento aos objetivos inicialmente propostos e verificamos resultados que vão além destes.

Em busca de indicadores compatíveis com estas necessidades adaptamos à nossa realidade as diretrizes propostas pelos *Generic Learning Outcomes* (Resultados Genéricos de Aprendizado), sistema avaliativo desenvolvido no Reino Unido que estabelece 5 categorias de aprendizado em museus, arquivos e bibliotecas, passíveis de avaliação: conhecimento e compreensão; habilidades; valores, atitudes e sentimentos; criatividade, inspiração e prazer; comportamento¹⁸.

Outra questão que merece destaque é o fato de normalmente os processos educativos realizados em museus ocorrerem de forma pontual e não necessariamente continuada, entretanto para este perfil de público e de acordo com os pressupostos pedagógicos que

¹⁸ Os *Generic Learning Outcomes* são propostos pelo Conselho de Museus, Arquivos e Bibliotecas do Reino Unido, por meio do *Learning Impact Research Project* – Projeto de pesquisa de impactos da aprendizagem, que tem como objetivo desenvolver uma compreensão do aprendizado e de seus resultados, estabelecer um modelo de pesquisa e oferecer provas desse aprendizado em museus, arquivos e bibliotecas. **Resultados Genéricos de Aprendizado: conhecimento e compreensão:** ampliação dos conhecimentos formais (reconhecíveis nas áreas de conhecimento); **Habilidades:** ampliação das habilidades (sociais, museais, práticas e intelectuais); **Valores, atitudes, sentimentos:** transformação de valores e atitudes individuais e relacionais; Promoção de **prazer, inspiração e criatividade;** **Comportamento:** progresso da atividade comportamental. www.inspiringlearningforall.gov.uk



adotamos, acreditamos que ações educativas continuadas têm o potencial de desenvolver conhecimentos e habilidades cognitivos, vivenciais e relacionais, objetivos maiores do Programa.

A partir de nossa experiência, acreditamos, ainda, que ações inclusivas que pretendam aprofundar a função social e garantir a ampla acessibilidade ao museu devem ser de responsabilidade de todos na instituição, não sendo limitadas apenas aos núcleos ou setores educativos.

Nosso trabalho cotidiano com grupos em situação de vulnerabilidade social em processos educativos na Pinacoteca tem sido um constante aprendizado. A perspectiva de descobrir um novo museu a cada novo grupo com o qual estabelecemos parceria amplia nossa percepção da arte como potente recurso de educação inclusiva. Dessa forma, costumamos pensar as ações do Programa de Inclusão Sociocultural como um verdadeiro laboratório de experiências educativas, pois cada ação – modelada a partir do perfil dos diferentes públicos e de suas necessidades - nos força a perceber o museu de maneiras múltiplas e complementares.

Como não existem objetivos iguais para todos os grupos, os resultados também são variáveis e dependem de diversos fatores. Os dois exemplos citados demonstram como o museu pode e deve ter diferentes finalidades, assim como as próprias ações educativas que mediam a relação entre público e instituição, trazendo à tona a percepção de incontáveis potenciais de trabalho e interpretação, tantos museus...



Bibliografia

AIDAR, Gabriela e CHIOVATTO, Milene, “Ação educativa em museus”, in: PARK, Margareth; FERNANDES, Renata Sieiro e CARNICEL, Amarildo (orgs.), **Palavras-chave em educação não-formal**. Holambra/Campinas: Ed. Setembro/Unicamp-CMU, 2007.

CENPEC/EQUIPE EDUCAÇÃO E COMUNIDADE, “A infância e adolescência no Brasil: a diversidade como meio de promover a equidade”, in: CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de (coord.) **Avaliação: construindo parâmetros das ações socioeducativas**. São Paulo: CENPEC, 2005.

CHIOVATTO, Milene e AIDAR, Gabriela. **Arte+**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.

CHIOVATTO, Milene; AIDAR, Gabriela; SOARES, Luis Roberto e AMARO, Danielle, “Repensando a acessibilidade em museus: a experiência do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo”, **Diálogos entre Arte e Público - Acessibilidade Cultural: o que é acessível e para quem?** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2010 (no prelo).

DE HAAN, Arjan e MAXWELL, Simon (eds.), “Poverty and social exclusion in North and South”. **International Development Studies Bulletin**, v. 29, n.1, 1998, p. 3. Apud AIDAR, Gabriela, “Museus e inclusão social”, in: **Patrimônio e Educação, Ciências & Letras - Revista da Faculdade Portogaleense de Educação, Ciências e Letras**, n. 31, Porto Alegre, jan./jun. 2002.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Apud : CUNHA, Marcos, Vinicius da. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. 1ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GAMONEDA MARIJUÁN, Alberto. “El museo como recurso para los profesionales socio sanitarios; arte, educación social y sistemas de rehabilitación comunitaria”. In: <http://www.facebook.com/pages/Red-de-publicos-EducaThyssen/180119862059?ref=ts> Acessado em 23/11/2010.



“Política Nacional de Assistência Social – versão oficial”, **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 80, encarte, nov. 2004.

OBSERVATÓRIO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS - I Boletim – Ano 01 - Ago/2006.
Pesquisa Piloto Perfil Opinião 2005 - Onze Museus e seus visitantes Rio de Janeiro e Niterói.
Pesquisa Perfil-Opinião 2006-2007. Museus e visitantes de São Paulo.
DEMU/Iphan/Fiocruz/MAST.

OLIVEIRA, Francisco de, “A questão do estado – vulnerabilidade social e carência de direitos”,
Cadernos Abong – As ONGs e a realidade brasileira – 1, jun. 1995.

O’NEILL, Mark, “The good enough visitor”, in: SANDELL, Richard (ed.) **Museums, society, inequality**,
Londres e Nova York: Routledge, 2002.

ROSSI, Maria Helena Wagner, “Reflexões sobre a mediação estético-visual: como estimular o encontro com a obra?” **Anais do Encontro Internacional Diálogos em Educação, Museu e Arte**.
Porto Alegre, São Paulo e Recife, 22 a 30 out., 2010. Santander Cultural e Pinacoteca do Estado de
São Paulo; CHIOVATTO, Mila Milene (coord.). São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. 1 CD-ROM.

VISCOME, Cristina Maria. **Cultura & Arte: Fazendo Parte!** Projeto educativo escrito no âmbito do
curso *Ações multiplicadoras: o museu e a inclusão sociocultural - 2009*, promovido pela Pinacoteca do
Estado de São Paulo com o apoio do IMPAES – Instituto Minidi Pedroso de Arte e Educação Social.
São Paulo, 2009, texto não publicado.